

Capítulo 1

– OMBE!

Olho para trás. A coisa mais lógica a fazer, convenhamos. Ombe é meu nome e sou a única a se chamar assim por essas bandas, banda sendo aqui utilizado no sentido mais amplo do termo. É necessariamente a mim que o *interpelor* está interpellando. (Inútil observar que *interpelor* não é uma palavra, eu sei, mas gosto de inventá-las).

Portanto, olho para trás.

E não apenas por curiosidade.

Não sei se é pelo fato de lidar o tempo todo com fenômenos estranhos, para não dizer claramente mágicos, mas desenvolvi um infame sexto sentido, que a todo momento me sugere que o mundo dos possíveis está se ampliando para deixar entrar o sonho em minha vida.

Em termos mais claros: e se fosse o Brad Pitt me chamando?

Ingênua, eu? Na verdade, não. Enfim... acho que não.

Bom, olho para trás e, claro, levo um choque de realidade. O cara que me chamou da outra ponta do corredor não é Brad Pitt, é Dylan Martin, o grande babaca da escola.

Sim, eu sei que as chances de Brad vir a se perder neste colégio de subúrbio beiram o zero absoluto – ele não faz parte da Associação –, enquanto as de cruzar com Dylan Martin pela 74ª vez da semana quando se é jovem, bonita e nova na escola beiram os 100%.

Mesmo assim, por alguns loucos segundos, acreditei que seria possível, e Dylan aproveitou para chegar até mim.

– Ombe, você é uma hecatombe. Pare aí, antes que meu coração ribombe.

Credo, eu tinha esquecido a que ponto o colégio pode ser neuronófago (sim, eu sei, mais uma palavra inventada) com quem não tem um equilíbrio mental e afetivo de ferro!

Ordeno a meus dentes que parem de ranger, a meu ritmo cardíaco que não se acelere, lembro que, como todo mamífero digno desse nome, preciso respirar, se possível de maneira não muito irregular, e me viro para o sedutor que acaba de entrar para a história da poesia com essa cantada antológica.

Quem dera.

Além de tonto, Dylan Martin é grande, gordo e feio. Somando a isso o fato de que está sempre cercado por três patetas de sorrisinhos idiotas que garantem a segurança que, sozinho, ele não ousa alardear, o retrato fica pronto para ser enquadrado.

Aliás, é o que estou prestes a fazer.

Enquadrar esse imbecil.

Dylan me tira para colegial e, como pertence à categoria bastante difundida de garotos predadores num

estabelecimento escolar terreno de caça, deve me considerar a presa perfeita. A situação, por mais irritante que seja, é quase cômica, pois sou mais predadora do que ele jamais será. Nem mesmo em sonho.

Longe de ser uma colegial, estou aqui por causa de uma missão. Minha primeira missão sozinha. Mas, por mais que eu esteja absolutamente pronta, a pressão que sinto é esmagadora, sobretudo porque Walter acrescentou uma última coisa na hora em que eu estava saindo de seu escritório:

– Discrição, Ombe! Não esqueça que a Associação só existe por e pela discrição!

Seus olhos estavam fixos em mim e pareciam insinuar uma sutil preocupação. Nada de mais, sem dúvida, mas um nada de mais que não favorece Dylan Martin.

Walter quer discrição? É o que vai ter.

Dou um passo na direção dos Quatro Babacas que decidiram me seduzir, não para me deleitar com o cheiro de loção pós-barba “musc especial macho no cio” que eles estão usando, mas para me colocar a uma distância adequada.

Inconsciente do que o espera, Dylan sorri.

– Não está com frio, Ombe? Quer que eu a aqueça?

Ele tempera a cantada com um olhar malicioso para o decote de minha regata, o que tem o inconveniente de fazer seus amigos darem risadinhas e a vantagem de me mostrar que me enganei de novo na roupa.

Dylan e os três amigos usam pulôveres e jaquetas.

Em 17 de dezembro, a lógica está do lado deles, mas para minha defesa eu estava com pressa essa manhã e não prestei atenção nas roupas que pegava.

Não se deixar distrair!

Isso é mais ou menos tudo o que aprendi no curso da semana passada sobre o poder hipnótico dos vampiros. O instrutor, um homenzinho robusto originário dos Cárpatos, insistiu muito no encanto que emana da voz e do olhar desses seres.

“Esse encanto não está baseado, porém, em nenhuma habilidade mágica”, ele esclareceu. “É inútil, portanto, para conseguir resistir a ele, dominar os arcanos da Grande Arte, basta não se deixar distrair.”

Vamos deixar bem claro que Dylan Martin não tem nada de vampiro, a não ser, talvez, a altura, mas nada da elegância natural que caracteriza os bebedores de sangue. Tem o olhar bovino, do tipo vaca atolada, e a voz esganiçada, ridícula. Os dois contribuem para lhe dar a controvertida graça de uma embalagem de hambúrguer esquecida na chuva, mas a ideia – de não se deixar distrair – me agrada e não duvido que, já que é válida para os vampiros, possa ser estendida aos babacas.

– Dylan, conte até três para ter uma surpresa.

Murmurei a frase como uma vamp libertina, e o panaca-mor corou.

– Um...

Verifico se a distância continua boa.

– Dois...

Estico a mão direita, seguro-o entre as pernas e, no mesmo movimento, levanto-o e colo-o à parede. Grunhido de dolorosa estupefação.

– A surpresa é que não vou esperar o três.

Aperto minha presa.

O grunhido se torna um ganido.

– Quero que você me esqueça, Dylan. Para sempre. Não preciso que fiquem me distraindo. Consegue?

Não tenho certeza de que tenha entendido, mas ele move a cabeça para sinalizar que sim. Levando em conta sua situação e meu estado de espírito, era a melhor coisa que tinha a fazer. Seus amigos, porém, comovidos pelo sofrimento alheio, decidem intervir. Eles são três, diabos, e eu sou só uma garota.

Sim, mas ainda tenho uma mão livre.

Azar o deles.

Abandono os quatro corpos inconscientes sentados contra a parede – ainda bem que somos poucos a ter aulas até as dezoito horas, os corredores estão desertos – e me apresso até a sala de aula.

Apesar de meus esforços para conter o orgulho, sinto um sorriso iluminar meu rosto. Eu não estava entusiasmada com essa missão, não porque chamar à ordem um bando de goblins sem cérebro seja difícil para mim, mas porque passei da idade de sentar nos bancos escolares. Enfim, essa é a razão oficial.

Porque receio que chamar à ordem um bando de goblins sem cérebro talvez esteja um tiquinho acima de meus meios. Essa é a verdadeira razão.

O que acaba de acontecer me tranquiliza a respeito de minhas capacidades.

Sou uma Agente da Associação. Meu papel consiste em gerenciar o Anormal, não importa a forma com que

ele se apresente e, como gosta de repetir Walter, o chefe da sede parisiense, em gerenciá-lo com toda discrição.

Até o momento, só precisei gerenciar quatro tarados perfeitamente normais, mas, por discrição, fiz um serviço impecável.

Meu sorriso se abre, mas, quando empurro a porta da sala, volto à circunspecção e à clarividência.

E se o professor de filosofia estiver ausente e o substituto for o Brad Pitt?